

Douglas Ostruca

Nísia Martins do Rosário

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Trans-queer micropolitics: gender programming and the becoming-other through drag art

This article proposes to investigate the drag and transformism phenomenon through a trans-queer micropolitics perspective. In the first section, we present variations in the senses of micropolitics, focusing on the decentration of the individual subject (Deleuze & Guattari, 2012; Guattari & Rolnik, 2013; Guattari, 2013, Silva et al., 2022). Thereby, we work with the notion of montage to study the drag and transformism settings, considering features of the agencement concept (Deleuze & Guattari, 2011b). In the second section, gender programming is examined concerning drag makeup tutorials published on YouTube and the capitalistic subjectivization processes. In the third section, we analyse two divergent series: the becoming-drag in Paul B. Preciado (2018) and the devir-heteronymous in Fernando Pessoa (Pessoa, 1980, 1986; Gil, 2020), emphasizing the disidentification and depersonalization strategies. In conclusion, a drag montage reduced to the individual subject appears as possibility among others.

Keywords

Micropolitics; Pragmatics; Gender Studies; Communication; Drag art; Transformism

Micropolíticas trans- queer: programações de gênero e os devires-outros das montações drag

Na esteira das micropolíticas trans e queer, este artigo se propõe a investigar as montações drag e transformistas. Partimos do conceito de micropolítica, considerando o descentramento do sujeito individual no mapeamento dos fenômenos (Deleuze & Guattari, 2012; Guattari & Rolnik, 2013; Guattari, 2013, Silva et al., 2022). Com base nisso, reposicionamos a noção de montagem conectando-a ao conceito de agenciamento (Deleuze & Guattari, 2011b). Em seguida, examinamos como operam as programações de gênero em tutoriais de maquiagem drag publicados no YouTube, demarcando atravessamentos da máquina abstrata capitalista e seus processos de subjetivação (Guattari, 2013; Guattari & Rolnik, 2013). Por fim, em busca de saídas para as armadilhas encontradas na montagem, apresentamos o desdobramento analítico de duas séries divergentes: o devir-drag em Paul B. Preciado (2018) e o devir-heteronímico em Fernando Pessoa (Pessoa, 1980, 1986; Gil, 2020), enfatizando as estratégias de desidentificação e despersonalização.

Palavras-chave

Micropolítica; Pragmática; Estudos de gênero; Comunicação; Drag; Transformismo

A partir do estudo de aparatos biomoleculares e semiótico-técnicos de produção dos corpos humanos, com destaque para o período pós-Segunda Guerra Mundial, Paul B. Preciado (2018) afirma que ocorre uma mutação no regime capitalista para o que ele chama de era farmacopornográfica. Esse regime é caracterizado como “pós-industrial, global e midiático” (Preciado, 2018, p.36), tendo como base transformações na gestão dos corpos e da subjetividade. Para o filósofo, nesse contexto, a produção do sexo, do gênero e da sexualidade incluem a circulação de moléculas sintéticas e a disseminação em massa da pornografia, as quais são respectivamente monopolizadas pelos conglomerados das indústrias farmacêuticas e das mídias sociais. Entre os processos de gestão biomolecular estão a manipulação dos códigos genéticos, a produção e distribuição regulada de moléculas sintéticas (como testosterona e estrogênio) e as cirurgias cosméticas. Já no caso do governo semiótico-técnico, Preciado menciona as programações de gênero através das tecnologias de comunicação e informação, destacando aí as indústrias pornográficas que não só produzem códigos de representação das posições de gênero e estabelecem suas relações, como, também, capitalizam a produção de subjetividade.

Em decorrência dessas transformações no regime capitalista, Preciado (2022) situa a crise da epistemologia da diferença sexual binária, a qual, segundo ele, pode ser localizada historicamente a partir do século XVIII¹. Para o estudioso, ao mesmo passo em que surgem novas técnicas de representação e manipulação dos corpos, ganham força os movimentos feministas, homossexuais e trans que operam tanto uma contestação do sistema sexo-gênero binário quanto um deslocamento radical deste através de suas práticas. Assim, ao investigar as lógicas implicadas na política *snuff*, no princípio da autocobaia, no dispositivo drag king, no bioterrorismo e no hackeamento de gênero, Preciado (2018) traça as linhas de composição do que aparece de distintas formas em seu trabalho – “micropolíticas de gênero” (p.351) – “micropolíticas queer” (p.353) – “micropolíticas trans” (p.382), as quais situamos aqui como micropolíticas trans-queer.

Consideramos tais estudos de Preciado acerca das micropolíticas trans e queer fecundos para investigar uma percepção-conhecimento-concepção que tem se manifestado com intensidade nos estudos dos fenômenos transformistas e drag que se encontram em produção. Assim, ao longo desse artigo são apresentados desdobramentos sobre esse tema, partimos da localização do conceito de micropolítica (Deleuze & Guattari, 2012; Guattari & Rolnik, 2013; Guattari, 2013; Silva et al., 2022), evidenciando aí o descentramento do sujeito individual em direção a uma complexificação analítica capaz de localizar os entrelaçamentos entre as diferentes linhas de composição nos fenômenos trabalhados. Com base nisso, reposicionamos a noção de montagem situando-a em conexão ao conceito de agenciamento (Deleuze & Guattari, 2011b). Em seguida, mapeamos como operam as programações de gênero nas

montagens drag e transformistas, concluindo com o desdobramento analítico de duas séries divergentes: o devir-drag em Paul B. Preciado (2018) e o devir-heteronímico em Fernando Pessoa (Gil, 2020).

Micropolítica e montagem

Através de um rastreamento teórico pelo conceito de Micropolítica nos trabalhos das duplas Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012), Félix Guattari e Suely Rolnik (2013), Alexandre Rocha da Silva (2022) e o Grupo de Pesquisa em Semiótica Crítica (GPESC) percebemos que o conceito varia a partir das distintas articulações. Em “Mil Platôs volume III” (Deleuze & Guattari, 2012), o conceito de micropolítica é encontrado em seu estatuto na conexão com o devir, onde aparece como “aliança que gera uma zona de variação contínua dos elementos colocados em relação” (Silva et al., 2022, p.3). Aqui, o enfoque é no processo de transformação dos elementos heterogêneos que entram em associação. Ao entrar em relação de devir, os termos aí envolvidos são arrastados para além de si mesmos, não se tratando de imitação ou de unificação, mas de um processo de mutação no qual algo se passa entre os termos heterogêneos gerando uma zona de indiscernibilidade que os impulsiona a entrar em processo de diferenciação (Araújo, 2020).

Ainda em Mil Platôs volume III (2012), ao tratar da micropolítica, Deleuze e Guattari determinam o deslocamento do foco na distinção entre social e individual, considerando que a própria forma individual é produzida através de formalizações sociais. Nesse ponto de vista, os autores sugerem que

(...) a diferença não é absolutamente entre o social e o individual (ou interindividual), mas entre o **campo molar das representações**, sejam elas coletivas ou individuais, e o **campo molecular das crenças e dos desejos**, onde a distinção entre o social e o indivíduo perde todo o sentido, uma vez que os fluxos não são mais atribuíveis a indivíduos do que sobrecodificáveis por significantes coletivos (Deleuze & Guattari, 2012, p.108, **grifo nosso**).

Com isso, propõe-se uma complexificação das análises de um fenômeno para além das representações molares, as quais incluem as identidades e os conceitos instituídos. Isso não significa uma recusa dessas determinações macropolíticas, mas um desdobramento analítico interessado em localizar como operam as articulações entre as linhas de segmentariedade duras, as linhas de segmentariedade flexíveis e as linhas de fuga, as quais, embora de distintas naturezas, coexistem emaranhadas umas nas outras. As linhas segmentares são também chamadas de linhas molares, as flexíveis, de linhas moleculares e as linhas de fuga, de linhas abstratas de desterritorialização por onde passam os devires e as comunicações transversais. A partir disso, Deleuze e Guattari indicam que o objeto de uma micropolítica pragmática é “o estudo dos perigos em cada linha” (2012, p.119), o que é feito por meio do mapeamento cartográfico de suas misturas, distinções, negociações, transformações, traduções e transduções.

Já no livro “Micropolítica”, Silva et al. (2022) compreendem que Félix Guattari e Suely Rolnik (2013) desdobram o conceito de micropolítica com ênfase para as aplicações sociais, tratando-se de uma “cooperação dissonante, uma ação em que as pessoas envolvidas tanto transformam suas subjetividades quanto mantém sua consistência interna” (Silva, et al., 2022, p.4). Portanto, nesse caso, a dis-

1. Até então, predominava uma epistemologia monossexual, no qual “a ‘mulher’ não existia nem anatômica nem politicamente como subjetividade soberana” (Preciado, 2022, p.53), isso porque o corpo feminino não era considerado em suas especificidades, mas representado como cópia hierarquicamente inferior ao corpo masculino.

cussão é desenvolvida de forma a problematizar o que se compreende por política. Para além da política partidária e dos movimentos identitários, situados no nível macropolítico, a micropolítica versa sobre as estratégias políticas no âmbito do desejo, as quais são atravessadas por forças e intensidades assignificantes. Em relação a isso, Guattari e Rolnik (2013) argumentam que:

A problemática micropolítica não se situa no nível da representação, mas no nível da produção de subjetividade. Ela se refere aos modos de expressão que passam não só pela linguagem, mas também por níveis semióticos heterogêneos. Então, não se trata de elaborar uma espécie de referente geral interestrutural, uma estrutura geral de significantes do inconsciente à qual se reduziriam todos os níveis estruturais específicos. Trata-se, sim, de fazer exatamente a operação inversa, que, apesar dos sistemas de equivalência e de tradutibilidade estruturais, vai incidir nos pontos de singularidade, em processos de singularização que são as próprias raízes produtoras da subjetividade em sua pluralidade (p.36, grifo nosso).

Portanto, a micropolítica é colocada outra vez como uma busca por ir além dos olhares reduzidos ao nível representacional, no qual operam conceitos de pretensão universal como os de sujeito, indivíduo e identidade. Contudo, nesse contexto, o foco do debate está na produção de subjetividade por agenciamentos de enunciação que são de natureza extrapessoal e infrapessoal, considerando-se aí tanto os processos de subjetivação capitalísticos, quanto os processos de singularização.

Ainda segundo Guattari e Rolnik (2013), a redução da subjetividade a um sujeito individual é um dos efeitos dos processos de subjetivação capitalísticos, os quais promovem uma programação das ações, dos pensamentos, dos sentimentos, das maneiras de se relacionar consigo mesmo, com o tempo, com o mundo e com o cosmos. Trata-se de uma modelização das instâncias intrasubjetivas que funciona como linha de montagem dos esquemas de percepção. Além da normalização, serialização e centralização da subjetividade, o autor e a autora circunscrevem outras funções dessa economia subjetiva capitalística, como a culpabilização com base em imagens de referência, a segregação via sistemas de hierarquização e a infantilização dos comportamentos dissidentes através de relações de dependência para com o Estado.

Por outro lado, há uma aposta nos processos de singularização subjetiva, os quais são situados enquanto movimentos de ruptura, dissidência e estranhamento no limiar do sistema de subjetividade dominante, carregando, portanto, potencial de gerar outras formas de se conectar e perceber o mundo. Entretanto, é necessário levar em conta que é próprio da produção de subjetividade capitalística capturar os fluxos que lhe escapam. Desse modo, as singularizações não estão dadas de uma vez por todas, trata-se de um mapeamento contínuo de como se dão as capturas dos índices de singularidade em relação aos processos de individuação, buscando-se criar condições para a afirmação de tais vetores de ruptura através da produção de agenciamentos coletivos de enunciação.

Além de aparecer nos livros “Mil Platôs” vol.III (Deleuze & Guattari, 2012) e “Micropolítica: cartografias do desejo” (Guattari & Rolnik, 2013), o conceito de micropolítica também se dá a ver no livro “Líneas de fuga: por otro mundo de posibles” (Guattari, 2013), o qual, embora publicado após a morte do autor, foi escrito por Félix Guattari em paralelo ao seu trabalho conjunto com Gilles Deleuze. Nessa obra,

a micropolítica está relacionada a uma análise pragmática dos agenciamentos coletivos de desejo e se propõe a investigar as formações sociais abarcando tantos as diferenças, quanto as misturas, entre componentes gerativos (semiologia linguística) e componentes transformacionais (semióticas assignificantes). Diante disso, Alexandre Rocha da Silva e Demétrio Rocha Pereira (2020) defendem a necessidade de se investigar como decorrem os processos comunicacionais entre esses distintos planos semióticos, sendo a experimentação ativa uma pista para tal tarefa, aspecto esse que será retomado adiante no texto.

Na perspectiva de uma micropolítica pragmática, Guattari (2013) sugere que é preciso romper com a “ditadura do significante” (p.211) que corresponde à universalização de estruturas decorrentes da semiologia linguística. Para o autor, as componentes gerativas² (interpretativas) apresentam duas operações – analógica e significante –, que participam de um mesmo campo semiótico; enquanto as componentes transformacionais³ (não interpretativas) se diferem em dois campos semióticos – o simbólico intensivo e o diagramático. Embora distintos, esses componentes se misturam ao se efetuarem em distintos agenciamentos, ainda que em cada caso possa predominar um dentre outros. Nesse sentido, além de afirmar que as componentes gerativas significantes passam pelas componentes gerativas analógicas, Guattari indica que as componentes gerativas significantes implicam um processo de abstração decorrente da despontencialização da máquina abstrata diagramática que é conectada a um circuito fechado. Portanto, a própria máquina significante é posta a funcionar por uma máquina assignificante que a atravessa, contudo, nesse caso, as intensidades são neutralizadas pela dupla articulação entre conteúdo e expressão. Por outro lado, as máquinas abstratas diagramáticas não param de se transformar liberando linhas de fuga³ que têm o potencial de desterritorializar os estratos duplamente articulados.

De cada um desses quatro componentes mencionados decorre um agenciamento específico de enunciação. Os componentes gerativos analógicos compõem um agenciamento de enunciação subjetivo, coletivo e territorializado, como no caso das sociedades indígenas⁴ que compartilham um conjunto de convenções que variam de um grupo

2. As componentes gerativas analógicas apresentam envolvimento com o referente que interpretam e, além de não terem um significado final com um sentido estabilizado, também não apresentam uma concatenação sintagmática fixada por regras gramáticas rígidas. Guattari aponta que as componentes analógicas são uma primeira etapa para a nivelção e tradução de cadeias semióticas de distintas naturezas efetivada pelas componentes gerativas significantes correspondentes a semiologia linguística. No caso das representações significantes há um distanciamento do referente, isso porque os conteúdos de diferentes naturezas são neutralizados através da dupla articulação entre conteúdo e expressão, os quais são organizados por coordenadas paradigmáticas e sintagmáticas com regras fixas (Guattari, 2013).

3. As componentes transformacionais simbólicas intensivas operam pelo encadeamento entre os próprios planos de conteúdo sem passar pela organização imposta pelo plano de expressão da linguagem significante, como exemplo, Guattari menciona os efeitos gerados pelo uso de drogas. As componentes transformacionais diagramáticas agem diretamente na matéria desconsiderando as distinções formais entre conteúdo e expressão. Portanto, um diagrama não representa um objeto, mas se conecta diretamente às máquinas materiais e sociais, funcionando como máquina abstrata diagramática (Guattari, 2013).

4. Ainda que Guattari (2013) se refira a essas sociedades como primitivas, optamos por usar o termo indígena, isso porque de acordo com Eduardo Viveiros de Castro (2017, p.8) a palavra ‘indígena’, ‘significa’ gerado dentro da terra que lhe é própria, originário da terra em que vive’ (Apud Houaiss).

para o outro e não operam de modo universalizante. Já os componentes gerativos semiológicos linguísticos constituem um agenciamento subjetivo, individuado e centrado no “eu”, operando uma neutralização das intensidades através homogeneização imposta pelas formas de expressão de pretensão universal. Portanto, trata-se de um agenciamento mais desterritorializado que o anterior já que submete tudo que há à dupla articulação entre conteúdo e expressão, fixando os sentidos dentro nos limites das coordenadas dominantes. Os componentes transformacionais simbólicos intensivos são a-subjetivos e apresentam função performativa de desubjetivação da enunciação e de despersonalização do agenciamento compondo um agenciamento coletivo de enunciação. Por fim, apesar dos componentes transformacionais diagramáticos também serem a-subjetivos, além de desterritorializar o agenciamento de enunciação, eles desarticulam expressão e conteúdo efetuando um agenciamento de enunciação maquínico que apresenta conexão direta com as intensidades assignificantes. Cabe sublinhar que embora um agenciamento possa predominar em relação aos outros, eles sempre estão misturados e apresentam aspectos uns dos outros. De certa maneira, Guattari (2013) afirma que todos os agenciamentos são agenciamentos maquínicos em potência, isso porque este está implicado virtualmente nos demais.

Ao especificar a formação do agenciamento de enunciação individuado em nexa à semiologia significativa, Guattari (2013) localiza aí uma articulação direta com o regime capitalista. Nas palavras do autor,

A consciência reflexiva deve ser considerada como um agenciamento de enunciação entre outros, inclusive como um tipo particular de equipamento semiótico, montado a partir de uma máquina abstrata capitalística [...]. A individuação subjetiva consciencial só pode ser adjacente a fluxos materiais, semióticos e sociais que participam intrinsecamente no “modo de produção capitalístico” (2013, p.237, tradução nossa⁵).

Destarte, o filósofo sugere que o estrato do sujeito enquanto subjetivação individuada e consciencial é efeito da centralização de uma máquina de redundância vazia, um buraco negro que efetua a programação das intensidades de acordo com o sistema transcendente de coordenadas dominantes configurando um processo de sujeição semiótica. Por um lado, o modo de subjetivação capitalístico opera uma desterritorialização sistemática dos conteúdos em sua polivocidade e, por outro lado, os reterritorializa de acordo com seu próprio modo de funcionamento. Com isso, reduz-se o potencial diagramático do desejo de gerar conexões imprevistas capazes de desestabilizar o sistema de ordenação vigente, ainda que este seja capaz de irromper a qualquer instante.

5. “La conciencia reflexiva debe ser considerada como un agenciamento de enunciação entre otros, e incluso como un tipo particular de equipamiento semiótico montado a partir de una máquina abstracta capitalística [...]. La individuação subjetiva consciencial solo puede ser adyacente a flujos materiales, semióticos y sociales que participan intrínsecamente em el ‘modo de producción capitalístico’” (Guattari, 2013, p.237).

Apesar dessas variações do conceito de micropolítica, chama nossa atenção que, nos três livros indicados, o deslocamento analítico da centralidade do sujeito individual aparece como um dos elementos em destaque. Diante disso, em se tratando das montações transformistas e drag, ao considerar as acepções desses termos no dicionário eletrônico de português-BR Houaiss (2009), temos que o termo ‘transformista’, datado em 1881, é definido no contexto teatral como “**ator** cujo espetáculo consiste em **caricaturar tipos distintos**, com trocas rápidas e sucessivas de trajes que identificam esses **personagens**” (2009, n.p., **grifo nosso**). Ou seja, trata-se de um ator que interpreta de maneira caricata vários personagens em um mesmo espetáculo, havendo trocas de figurino para delimitar as distinções. Ainda que exista aí um trânsito por entre distintas formas de expressão, correspondentes aos diferentes personagens, é evidente a centralização do indivíduo ator. Já o sentido do termo ‘drag queen’, datado em 1990, aparece como um “**homem** que se veste com roupas extravagantes de mulher e **imita** voz e **trejeitos** tipificadamente **femininos**, ger. apresentando-se como **artista** em shows” (Houaiss, 2009, n.p, **grifo nosso**). Assim como no caso do termo transformista, há aqui centralidade em torno do indivíduo artista, demarcado como homem, o qual através da imitação de signos lidos socialmente como de feminilidade compõe a figura de uma mulher no contexto de um show. Além disso, cabe sublinhar nessa definição a delimitação fixa das posições de sexo e gênero, o que não ocorre no caso do termo transformista.

Com base nas discussões anteriores acerca da perspectiva micropolítica, colocamos estrategicamente em foco a noção de montagem, a qual pode funcionar tanto em conexão com a drag queen, quanto em conexão com a transformista, permitindo problematizar aí a centralização do sujeito individual ator determinada pelas definições instituídas dos termos. Nas práticas drag e transformistas, os processos de montagem, ou de montaria, referem-se à materialização das personas através de uma articulação entre elementos heterogêneos. Em seu estudo, Pedro Cremonez Rosa (2018) identifica vestuário (vestido, saias, tecidos específicos, lingerie, meias-calça, cintas, espartilho), maquiagem (blush, delineador, base, batom), calçado (salto alto, scarpin, botas, sandálias, plataformas), joias e bijuterias (pulseiras, brincos, colares), peruca (penteados), silhueta (espumas, enchimentos, próteses, espartilho, cinta). Em relação a isso, Anna Paula Vencato (2005) afirma que “a expressão montaria designa aquilo que se carrega na mala, ou seja, trajes e acessórios; trajes e acessórios já postos/montados sobre o corpo; maquiagem pronta somada a trajes e acessórios; todo o conjunto que se vê montado de/em uma drag” (p.232-233).

Contudo, para além dos elementos materiais expostos, entendemos que a montagem envolve componentes extraindividuais e infrapessoais, sendo produzida por meio de processos de subjetivação e de singularização. Além de dar abertura para localizar numa montagem o que extrapola o sujeito individual, a noção aqui em questão pode operar não só junto das gramáticas drag queen e transformista, como já sugerido, mas, também, junto de outras formas de expressão como os drag kings, as drag monstros, as drag queens, as drag da mata, as drag demônias, as tupini-queens, as drag mariposas, as cosmodrags.... mantendo-se aberta para rearticulações sem que sejam apagadas as di-

ferências. É a própria noção de montagem que se transforma a partir das distintas relações efetuadas entre corpos, intensidades, componentes semióticos, enunciações, lógicas e linhas de composição.

Essa angulação micropolítica da montagem também é um jeito de complexificar o traçar dos fenômenos em questão, procurando evitar as reduções homogêneas e universalizantes. Logo, partimos do conceito de agenciamento (Deleuze & Guattari, 2011b) para apreender diferentes aspectos implicados numa montagem. Por essa via, compreendemos que uma montagem concreta consiste numa tetravalência, tendo no eixo horizontal os segmentos de conteúdo e de expressão. Aqui, a formalização de conteúdo envolve as misturas de corpos, as ações, as forças e as intensidades, trata-se de um agenciamento maquínico de corpos. Já a formalização de expressão abarca os enunciados, as palavras de ordem e as transformações incorpóreas, trata-se do agenciamento coletivo de enunciação. Já o eixo vertical comporta os movimentos de territorialização que estabilizam o lado territorial do agenciamento e os picos de desterritorialização desencadeados por linhas de fuga. Aos movimentos do eixo vertical correspondem os processos de montagem e desmontagem, os quais, assim como as territorializações e desterritorializações, coexistem em tensão – (des)montagens.

Portanto, a montagem centralizada no ator enquanto sujeito individual que constrói um personagem, recorrente nos sentidos instituídos de transformismo e drag queen, diz sobre uma forma de expressão localizada e não universal. Essa formalização tende a se aproximar do que Guattari (2013) apresenta como um agenciamento subjetivo e individuado, o qual tem como componente predominante uma pragmática gerativa significativa que se desenrola em processo de subjetivação. A redução de toda e qualquer montagem a essa formalização é um efeito do que o filósofo chama de ditadura do significante, onde as intensidades são programadas de acordo com as coordenadas e as lógicas do sistema dominante.

Na próxima seção partimos do mapeamento de um conjunto de tutorias de montagem para desdobrar essa noção de programação situada por Guattari (2013), a qual será conectada com a discussão de Preciado acerca das programações de gênero no âmbito das micropolíticas trans e queer.

Programações de gênero e tutoriais de montagem

Em diálogo com a perspectiva micropolítica proposta por Félix Guattari e Gilles Deleuze, Paul B. Preciado (2018) depreende que a própria forma de um sujeito individual marcado por gênero, sexualidade e raça não só é produzida pela máquina capitalista, como também é fundamental em seu funcionamento. Por esse caminho, o filósofo desdobra a noção de programação da subjetividade defendendo que podemos chamar de “**programação de gênero**” um **modelo neoliberal psicopolítico da subjetividade** que potencializa a **produção de sujeitos** que pensam a si mesmos e agem como **corpos individuais**, que se autocompreendem como espaços e **propriedades biológicas privadas** com uma **identidade de gênero e uma sexualidade fixas** (2018, p.127, grifo nosso).

Portanto, para Preciado as codificações de gênero que organizam os corpos estão diretamente relacionadas com a redução da subjetividade ao âmbito de um sujeito individual, formalização esta decorrente da operacionalização

da máquina capitalista. Como vimos na seção anterior, no trabalho conjunto de Guattari e Rolnik (2013), a demarcação do gênero e das identidades é localizada como parte do processo de subjetivação capitalístico, no qual as intensidades diagramáticas são formalizadas e capitalizadas em linhas de montagem massivas. Esse modo de funcionamento implica um processo de modelização responsável por reduzir a subjetividade à instância do sujeito individual com posições de identidade fixas, homogêneas e hierarquizadas entre si.

Em relação a isso, a partir da análise de um conjunto de 36 tutoriais de montagem⁶ publicados no YouTube, observamos que há uma recorrência no uso de aparatos de montagem (corretivos, sombras, lápis, batom, pó compacto, iluminador, pincéis, esponjas, roupas, acessórios, gestos, posturas, etc.) orientados por palavras de ordem associadas a organizações binárias de gênero. Dentre esses tutoriais os mais recorrentes são os de maquiagem, nos quais a forma do rosto é composta por jogos de luz e sombra – regiões iluminadas que se destacam e regiões de contorno com função de delimitar. Esses processos dão a ver os movimentos concomitantes de desmontagem e montagem mencionados anteriormente, assim, ao mesmo passo em que acontecem movimentos de desterritorialização responsáveis por gerar transformações, ocorrem os processos de reterritorialização em outras formas de expressão. Embora uma montagem drag e transformista envolva múltiplos elementos para além da maquiagem, propomos dar enfoque, nesse momento, para esse aspecto, tendo em vista os processos de atualização das programações de gênero nesses casos.

Nos tutoriais de maquiagem voltados para montagens drag queens a feminilidade é (des)montada através de traços mínimos, são comuns na composição do rosto a forma oval de delimitação, os olhos grandes, sobrancelhas arqueadas e nariz fino, além da demarcação dos ossos zigomáticos (maçã do rosto). Cabe notar que, embora tais traços sejam articulados a uma percepção geral de feminilidade, trata-se de uma representação ocidental do que seria um rosto feminino belo. Nesse cenário, opera-se uma dupla articulação entre conteúdo e expressão, onde um conjunto de materiais são ordenados numa pressuposição recíproca com uma organização de códigos representativos do que é percebido como feminilidade em um contexto. Ademais, nesses tutoriais a atualização das programações de gênero tende a ser associada a diversos produtos disponibilizados no mercado, os quais são constantemente aprimorados e especificados – um produto para cada traço. Isso indica uma dupla captura, não só no nível das segmentariedades molares que operam por sobrecodificações, mas, também, no nível dos fluxos moleculares que tendem a ressoar segundo a lógica da axiomática do capital⁷ – sempre há algo a

6. Essa é a dissertação “Tutoriais em (des)montagem: uma cartografia dos corpos eletrônicos drag na plataforma do YouTube” (Santos, 2020), realizada entre 2018 e 2020. Em geral, foram rastreados cerca de 252 audiovisuais, dos quais 36 tutoriais foram selecionados com base no critério de intensidade (Hur, 2022) e reconhecidos atentamente conforme o procedimento atencional sugerido por Virgínia Kastrup (2015). Como resultado desse processo foi produzido um audiovisual com fragmentos dos vídeos analisados, o qual está disponível em: <<https://archive.org/details/se-quenciastutoriaisemdesmontacaov.3720plow>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

7. De acordo com David Lapoujade (2017) a axiomática do capital é um sistema de direito que opera como princípio de distribuição diagramático das multiplicidades na máquina abstrata capitalista, a qual implica uma submissão maquínica generalizada a sua lógica. Por um lado, a axiomática

ser superado e aprimorado através da produção contínua. Além de tutoriais de maquiagem drag queen, foram encontrados com menor frequência tutoriais de maquiagem drag king. Nessas ocasiões, é perceptível que, assim como as montações drag queen, as montações king tendem a ser organizadas por linhas duras de segmentação binária do gênero. Nessa perspectiva, também se opera uma dupla articulação entre conteúdo e expressão, em que os distintos materiais são ordenados de modo a corresponderem com uma organização representacional dos códigos de masculinidade. Aqui, há um contraste na composição do rosto, o qual tende a ser emoldurado por um formato quadrangular – a testa é sobreposta por um retângulo, os ossos zigomáticos são aplainados por linhas retas, o nariz e as sobrancelhas são mais grossos. Em alguns casos também são produzidos diferentes formatos de barbas integrando o arranjo. Cabe destacar que apesar de haver um modelo de rosto, parece que nas montações drag king há maior flexibilidade já que essas formas costumam ser adaptadas e simplificadas nos tutoriais. Também é notável nos vídeos analisados que, diferente das queens, entre os kings é menos comum o uso de grande quantidade de produtos, havendo um desapego do objetivo de alcançar a perfeição e naturalidade tão presentes nos tutoriais de maquiagem drag queen.

Essas observações não devem ser tomadas de forma generalizante, já que foram realizadas em um período específico a partir de um conjunto localizado de vídeos. Conforme mencionado, uma montagem concreta é complexa e envolve outros elementos para além da maquiagem, sendo assim, os aspectos localizados se constituem como pistas a serem consideradas em conjunto com outros componentes. Ademais, conforme situado na seção anterior, embora possa haver predominância de um sob outros, os componentes gerativos e transformacionais se misturam nos agenciamentos concretos. Portanto, mesmo que as programações de gênero que se atualizam nas montações tendam a ser articuladas a um agenciamento subjetivo e individual, é cabível que tais traços de maquiagem também se atualizem em diferentes graus em agenciamentos de distintas ordens, podendo se transformar ao serem conectados a componentes analógicos, simbólicos intensivos e diagramáticos.

Além dos tutoriais de maquiagem drag queen e drag king, também encontramos no YouTube audiovisuais que apresentam processos de montagem experimentais, como no trabalho de Uýra Sodoma que se autoneia uma drag da mata. Essa artista, que vive em região periférica de Manaus, traz para sua montagem elementos de sua ancestralidade indígena, criando condições para a atualização de forças da natureza expressas através de lendas da cosmologia dos povos originários, como no caso da cobra Boiúna. Uýra trabalha com o que chama de maquiagem intuitiva, a qual para ela

nada mais é do que a intuição de pegar coisas sintéticas, como tintas, colas, mas principalmente orgânicas, transformar qualquer

objeto em maquiagem, experimentando, testando, colocando as coisas, vendo se dá certo, se não dá e ir criando caminhos que podem ser todos (Boreal, 2018, 00:01:28-00:01:54).

Com isso, ao invés do movimento de montagem reterritorializar as programações de gênero, intensifica-se a passagem dos devires que são desencadeados por linhas de fuga mantendo-se o processo aberto ao imprevisto. Trata-se de se aventurar em novos trajetos ao invés de repetir programas estabelecidos que são compostos por um conjunto de regras visando alcançar um objetivo final. Desse modo, são as próprias programações de gênero que são desterritorializadas através da desarticulação entre conteúdo e expressão, recuperando-se o potencial diagramático das máquinas abstratas. O componente significativo que opera a sobrecodificação via programação subjetiva e o agenciamento de enunciação subjetivo e individual, centrado no eu, parecem perder sua predominância para outros componentes e agenciamentos de enunciação.

Em relação a isso, chama nossa atenção que, em seu processo de montagem, Uýra sugira que é possível “(...) transformar qualquer objeto em maquiagem, experimentando (...)” (Boreal, 2018). Dessa maneira, ao inserir elementos orgânicos como folhas, galhos e sementes, a artista também quebra com a lógica da produção e consumo incessantes efetuados pela axiomática do capital via modulação direta dos fluxos. O uso desses materiais heterogêneos na montagem acompanha uma retomada dos vínculos de ancestralidade indígena com o território. Coloca-se em jogo componentes analógicos, os quais implicam uma conexão direta com os elementos do território criando condições para a composição de um agenciamento de enunciação subjetivo coletivo que descentraliza o sujeito individual na montagem. Portanto, junto com a desarticulação das programações de gênero, o processo de montagem vivenciado por Uýra dá vazão a processos de singularização que carregam potencial para deslocar aspectos dos modos de subjetivação capitalísticos.

Embora, esses processos de maquiagem experimental apresentem potencial para desarticular as programações de gênero e gerar processos de singularização, também é preciso ter em vista a possibilidade permanente de captura pela axiomática do capital. Nesse ponto de vista, em se tratando de uma máquina abstrata diagramática, a axiomática do capital não depende das formalizações de expressão e conteúdo já que opera diretamente nos fluxos e intensidades assignificantes. Por conseguinte, é cabível que as montações que desarticulam as programações de gênero sejam recentralizadas em torno de um sujeito individual e passem também a operar segundo a lógica da axiomática do capital. Em vista disso, na próxima seção desdobramos a discussão acerca do descentramento do sujeito individual na montagem através da abordagem de duas séries heterogêneas – os devires-drag tratados por Preciado (2018) e os devires-heteronímicos em Fernando Pessoa (Gil, 2020).

Desidentificação e despersonalização: entre o devir-drag e os devires-heteronímicos

(...) não basta dizer viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo (...).

(Gilles Deleuze & Félix Guattari)

do capital descodifica os fluxos sociais e, por outro, modula-os incitando a maximização da produção, portanto, ela capitaliza todos os processos de subjetivação. Contudo, além de efetuar essa submissão maquinica diretamente no âmbito molecular dos fluxos, a máquina abstrata capitalista também opera através do princípio programático de distribuição das multiplicidades onde age por meio da sujeição social produzindo o sujeito individualizado marcado pelo sexo, pela identidade, pela nacionalidade, pela profissão, etc.

Em tal epígrafe, localizada no livro “Mil Platôs volume I” (2011a), Gilles Deleuze e Félix Guattari determinam que não basta promover a afirmação da diferença apenas num nível significante. Existe aí uma provocação feita a partir de uma micropolítica pragmática, na qual, conforme indicado anteriormente, é necessário conectar as enunciações aos componentes diagramáticos e mapear as linhas de fuga como maneira de intensificar os deslocamentos por elas efetuados num caráter de experimentação ativa. Isso diz também da tarefa demarcada por Silva e Pereira (2020) quando apontam para a necessidade de se investigar os processos comunicacionais de transformação e tradução que acontecem entre os níveis significantes e assignificantes.

Em vista disso, entendemos que não basta promover o deslocamento da centralidade de um sujeito individual na montagem apenas no âmbito teórico, o desafio está dado, como criar condições para que esses deslocamentos se atualizem nas montações concretas? Provocadas por essa questão fazemos um salto entre a série das montações transformistas, com destaque para a noção de devir-drag (Preciado, 2018) e a proliferação heteronímica em Fernando Pessoa (Pessoa, 1980, 1986; Gil, 2020).

Conforme já assinalado, diante do governo biomolecular e semiótico-técnico das populações, levado a cabo pelo regime farmacopornográfico, Paul B. Preciado (2018) coloca em ato distintas estratégias micropolíticas visando gerar reapropriações coletivas dos aparatos de produção dos corpos. Assim, ao tratar do dispositivo drag king, o filósofo defende que através do ato de dissecar os gestos corporais, apreendendo suas variações é possível apropriar-se dos elementos constituintes das percepções de gênero e reorganizá-los de modo que sejam construídas ficções outras. Para Preciado, um dos efeitos produzidos pelo dispositivo drag king é a desidentificação via suspeita de gênero. Isso porque, ao incitar a experimentação dos códigos de masculinidade e feminilidade, coloca-se em questão os fundamentos de sexo, gênero e sexualidade – os quais em matriz heterossexual são tomados enquanto elementos estáveis numa segmentariedade binária. Nas palavras do autor:

Uma vez que o vírus drag king foi ativado em cada participante, a hermenêutica da suspeita de gênero vai além da oficina e se espalha pelo resto da vida diária causando modificações nas interações sociais. O saber drag king não é a consciência de estar imitando a masculinidade em meio a corpos anônimos de homens e mulheres [...] antes disso, ele reside no fato de perceber os outros – todos os outros, incluindo a si mesmo – pela primeira vez como bioficções mais ou menos realistas de gêneros performativos e normas sexuais decodificáveis como masculinas ou femininas. Ao caminhar entre corpos anônimos, essas masculinidades e feminilidades (incluindo a minha própria) aparecem como caricaturas que, graças a essa convenção tácita, parecem não ser conscientes de si. Não há diferença ontológica entre essas encarnações de gênero e a minha. Todas elas são **produtos performativos** para as quais diferentes quadros de inteligibilidade cultural conferem vários graus de legitimidade. A diferença está no grau de autorreflexão, de consciência e de compulsão da dimensão performativa desses papéis. **Tornar-se drag king é ver através da matriz de gênero, observando que homens e mulheres são ficções performativas e somáticas convencidas de sua realidade natural** (Preciado, 2018, p.391, grifo nosso).

Portanto, Preciado identifica nas experiências drag king caminhos para promover reprogramações de gênero, implicando o aprendizado de saberes e de práticas que permitem engendrar deslocamentos na maneira de perceber a si mesmo e es outros⁸. É um procedimento de distanciamento das regras e normas de gênero impostas desde o nascimento – o que permite um remanejamento destas e passa pela auto-observação e criação. Cabe sublinhar que essa alteração no estado de percepção aludida por Preciado é localizada como efeito de um devir-drag⁹, assim, para além de uma imitação, tal vivência é posta como modo de experimentar o mundo a partir de outros pontos de vista. Trata-se de um processo de desidentificação que desencadeia outras posturas de estar no mundo, desestabilizando a definição dos corpos enquanto entidades naturais e estáveis com uma forma dada, incluindo aí as organizações de sexo e gênero, o que pode abrir percursos imprevisíveis no traçar das linhas de vida que compõem um corpo.

Em seus experimentos com o drag king Beto, também chamado de Roberto e Bob, Preciado afirma que essa forma de expressão “não é uma invenção minha, não é um personagem teatral: ele emerge de quem sou, da forma que sempre me vi” (2018, p.385). Portanto, há um deslocamento evidente da redução dessas práticas a um personagem teatral, sendo essa montagem situada como algo que surge dele mesmo, um exercício de autoficção que emerge de sua própria vivência, ou seja, uma experimentação implicada no processo de produção da subjetividade que também pode ser compreendida como singularização, conforme proposto por Guattari e Rolnik (2013).

Destarte, ao trabalhar com as montações drag king, Preciado (2018) oferece pistas para uma apreensão de tal fenômeno para além do âmbito representacional, em que um sujeito construiria conscientemente um personagem através de caricaturas e/ou imitações de gênero. Por essa via, é viável que se efetue nas montações drag o potencial diagramático, intensificando-se a passagem das linhas de fuga capazes de desarticular as programações de gênero com suas segmentariedades binárias e, também, de descentralizar o sujeito individual na montagem via desidentificação. Tal processo é igualmente permeado por componentes transformacionais simbólicos intensivos, os quais agem na composição de um agenciamento de enunciação coletivo via desubjetivação e despersonalização (Guattari, 2013). Dessa maneira, é viável que outros universos irrompam por meio da atualização de montagens corpóreas estranhas.

Em sua leitura de Preciado, Silva e Pereira (2020) também percebem nessa “micropolítica da desidentificação” (p.192) uma chave para produzir através da escrita deslocamentos dos rostos e de suas fixações identitárias. Abrem-se trilhas para a efetuação de uma escrita em conexão direta com os fluxos extrapessoais e assubjetivos, através das quais as intensidades assignificantes e assubjetivas podem vir a ser traduzidas de acordo com sua lógica própria. Paralelo

8. Essa é uma das formas de alteração proposta pela linguagem de gênero neutro, a qual apresenta distintos sistemas. Nesse caso, partimos das indicações feitas por Ophelia Cassiano (2019) em “Guia para linguagem neutra (PT-BR)”. Recuperado de <<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>>. Acesso em 29 jun. 2023.

9. Encontramos o termo devir king três vezes no livro “Testo Yonqui” (Preciado, 2008), o qual é suprimido na tradução para o português (Preciado, 2018).

a isso, propomos agora fazer um salto para a série das proliferações heteronímicas em Fernando Pessoa, com destaque para o processo de despersonalização efetuado pelos devires-outros aí implicados.

Em janeiro de 1935, Pessoa escreve duas cartas à Adolfo Casais Monteiro, em que, a partir da provocação feita pelo colega, o poeta sistematiza elementos do seu processo de criação com os heterônimos. Pessoa afirma que sua tendência para criar em torno de si um mundo fictício aparece já na infância, em suas palavras: “(...) a origem dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação” (Pessoa, 1986, n.p.). Portanto, para ele, esse é um processo que passa pela atualização de outras personalidades como efeito da despersonalização de si mesmo. Ao falar sobre a despersonalização, o poeta sugere que esse é um jeito de se compor com estados outros de espírito, a partir dos quais torna-se possível experienciar sentimentos que não se sente no lugar de si mesmo.

Nesse processo, a invenção não é situada de forma voluntarista, como se fosse de todo controlada por um sujeito que constrói personagens ao seu bel prazer. Isso fica evidente quando Pessoa afirma que “em tudo isso me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa” (Pessoa, 1986, n.p.). Em outra passagem de suas cartas, ao falar dessas personalidades como sendo as de pessoas que nunca existiram, ele logo acrescenta “não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos” (Pessoa, 1986, n.p.). Isso nos leva a crer que, nesse caso, tanto criador quando a figura criada são efeitos do processo de criação em si.

Dos 46 heterônimos especificados pelo pesquisador Richard Zenith (2021), Fernando Pessoa fala de 4 na carta enviada à Casais Monteiro em 13 de janeiro de 1935. Nas palavras do poeta, “pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda minha disciplina mental, vestida de música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida” (Pessoa, 1986, n.p.). Além desses três, discernidos como heterônimos literários, Pessoa pontua Bernardo Soares que seria, segundo ele, um “semi-heterônimo”, isso porque, embora o poeta não reconheça aí sua própria personalidade, também não o é de todo diferente, “[...] sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual [...]” (Pessoa, 1986, n.p.). Ao especificar o processo de criação dos 3 heterônimos literários, o poeta diz que em torno de 1913 tenta inventar um poeta bucólico, mas não consegue e desiste. Até que em 8 de março de 1914 ele é tomado por um estado de êxtase e escreve mais de 30 poemas seguidos. Ele começa com “O guardador de rebanhos”, o qual já surge junto ao nome de quem o escreve, Alberto Caeiro, a quem Pessoa sente como seu mestre. Como que em reação a esse heterônimo, Pessoa escreve os poemas do “Chuva Obliqua” assinado por seu ortônimo, o qual ele se refere como ‘Fernando Pessoa ele mesmo’. Em seus termos, “Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só” (Pessoa, 1986, n.p.).

Em seguida, ele afirma que, além dele mesmo, emergem outros discípulos de Caeiro, é chegada a vez de Ricardo Reis, nesse caso o poeta já havia percebido traços de estilo e do retrato desse heterônimo em 1912, mas é só nessa ocasião que tais intensidades se atualizam com um nome próprio. Em derivação oposta a Ricardo Reis, surge a “Ode Triunfal” de Álvaro de Campos, o qual já se coloca através desse nome próprio. Fernando Pessoa chama esse grupo de uma *coterie*, já que uns estão diretamente relacionados com os outros e se comunicam entre si. Tanto é que o poeta diz que é ao longo do processo de criação que ele vai conhecendo as relações de influências, as amizades e as divergências entre esses heterônimos, o que se passa de modo independente dele mesmo. Também nos chama a atenção o fato dele afirmar que não compreende esse processo como uma evolução, mas como uma viagem, em que segue num plano horizontal de um território ao outro, o que demonstra um processo permeado por relações comunicantes entre heterogêneos.

Em seu estudo sobre o processo de escrita em Fernando Pessoa, José Gil (2020) critica as leituras reducionistas que entre os heterônimos buscam traços de um verdadeiro Fernando Pessoa, ou, que sugerem na manifestação dessa multiplicidade um sujeito fragmentado que se perde em suas acrobacias egóicas e, com isso, nega a própria vida. Para José Gil, os processos de despersonalização e simulação mencionados por Pessoa podem ser compreendidos em relação ao fenômeno de um devir-outro que seria condição para o devir-heterônimo. Nesse processo de formação de um heterônimo, José Gil percebe três operações: a primeira implica criar condições para intensificar a produção de um máximo de sensações, na segunda, essas sensações se organizam em fluxos que se conectam entre si, os quais na terceira operação se tornam fluxos de palavras atualizadas na forma de poemas.

De acordo com José Gil (2020), através da primeira operação decorre o processo de devir-outro, no qual há uma dissolução do sujeito em meio aos fluxos sensoriais impessoais e assubjetivos que são desencadeados. Nas palavras do pesquisador, “tornar-se radicalmente outro significa sentir as sensações de um outro, viver as sensações-outras, fazer suas maneiras inteiramente estranhas de sentir” (2020, p.145), processo que leva a uma transformação do si mesmo. Quando essas sensações impessoais passam a compor séries entre si, gerando alguma organização, cria-se uma distância em relação ao si mesmo e as conexões se desdobram segundo uma lógica própria produzindo imagens que engendram um heterônimo. Assim, embora haja conexão direta do heterônimo com o si mesmo, existe aí uma diferença que coloca ambos os termos em movimento. Nesse sentido, Gil constata que “Fernando Pessoa não procurou unificar, sob a égide de um Eu harmonioso, os polos opostos e diversos que conhecia em si” (2020, p.149), o que seria a manutenção de uma centralização do sujeito individual e do processo de subjetivação que o produz como efeito.

Em sua análise, Gil (2020) ainda aponta na carta de Pessoa a Casais Monteiro uma sutil distinção entre os usos dos termos heterônimo e heterônimos literários. Ele propõe que o heterônimo seria um efeito do devir-outro e que o devir-heterônimo passa ainda pela operação de trans-

formação dos fluxos conectados entre si em fluxos de palavras atualizadas por meio da escrita. Portanto, o que marca a efetuação desse devir-heterônimo é a produção literária através de um estilo singular.

Embora Pessoa chegue a registrar na mesma carta acima indicada que o fenômeno dos heterônimos tenha se mantido como experiência mental, não se manifestando na sua relação com o outros, Gil encontra correspondências para Ofélia assinadas por Álvaro de Campos, nas quais o heterônimo inclusive apresenta intrigas direcionadas ao próprio Fernando Pessoa. Além disso, o pesquisador menciona que em algumas ocasiões Fernando Pessoa chegou a se apresentar para amigos como Álvaro de Campos, mudando a voz e a atitude. Encontramos aí uma espécie de devir-transformista de Pessoa, onde o heterônimo não só se manifesta através da escrita literária, mas, também, se atualiza através de outras expressões corporais.

Ainda que no contexto histórico vivido por Pessoa já houvessem artistas transformistas transitando pelos teatros (Koch, 2020), não sugerimos que Pessoa tenha sido um transformista. O que aí nos interessa é essa zona de indiscernibilidade gerada entre as séries heterogêneas dos heterônimos e das montações transformistas, a qual pode desencadear relações comunicantes impulsionando um devir-transformista dos heterônimos e um devir-heterônimo das transformistas. A partir dessa comunicação entre as séries divergentes percebemos a proliferação de caminhos para efetuar na prática o descentramento do sujeito individual numa montagem transformista. Isso porque, através dessa lógica, as distintas expressões já não remetem a um sujeito individual que a tudo controla via consciência, é esse próprio sujeito que se encontra exposto a se transformar em decorrência de processos de despersonalização desencadeados pela passagem dos devires-outros.

Considerações finais

Vimos até aqui que as compreensões instituídas de drag queen e transformista encontram-se reduzidas à centralização de um sujeito individual responsável por construir uma ou mais personagens. Assim, na perspectiva de uma micropolítica pragmática, colocamos enfoque na noção de montagem, a qual, além de funcionar em relação a diferentes expressões (drag queen, transformista, drag king, drag da mata...), ao entrar em conexão com o conceito de agenciamento gera condições de possibilidade para um descentramento do sujeito individual nessas montações. Além disso, junto de Preciado, notamos que a própria centralização desse sujeito individual é produzida, em parte, pela programação de gênero levada a cabo pela máquina abstrata capitalista. Assim sendo, ao permanecer nessa lógica, as montações drag e transformistas tem seu potencial diagramático reduzido, sendo reterritorializadas a partir das segmentariedades de gênero binárias e postas a ressoar de acordo com a axiomática do capital. Em busca de saídas para essas armadilhas, saltamos entre as discussões de Preciado acerca do devir-drag e a proliferação heteronímica em Pessoa que é movimentada pelo devir-outro.

Em nossa própria vivência com os devires-transformistas¹⁰, notamos que por algum tempo a atualização das distintas montações (Prof^a Luná Maldita, Lalola Nebulosa e Magrão) permaneceu na órbita do sujeito individual. Com isso, os traços das diferentes montações remetiam a esse centro de subjetivação com suas operações de sobrecodificação, predominando-se o componente gerativo significativo. Assim, as montações transformistas permaneceram limitadas ao âmbito do que já era conhecido, ou seja, às memórias e sentimentos pessoais organizadas segundo as coordenadas do sistema dominante. É somente quando tais montações são conectadas com a escrita, com a elaboração de números artísticos e com textos teóricos que as linhas de força centrípetas, direcionadas para o centro, transformam-se em vetores centrífugos (Hur, 2022), os quais são efetuados por componentes simbólicos intensivos de desubjetivação. Desse modo, as montações passam a funcionar segundo uma lógica própria, efetuando-se uma diferença em relação ao sujeito individualizado e, com isso, acelerando-se o processo de composição das montações transformistas em sua heterogeneidade.

Como desdobramento para esses estudos, buscamos produzir uma narrativa fabulatória onde as montações transformistas mapeadas no corpo passam a se atualizar como personagens. Contudo, como as três montações nomeadas produzem textos escritos por si próprias, é capaz que elas se desdobrem ainda num processo de devir-heterônimo. Através dessas vivências e discussões, compreendemos que, ao descentralizar o sujeito individual numa montagem, é possível que os devires-transformistas se atualizem em montações concretas de distintas ordens – como persona drag, como personagem literária, como heterônimos e, ainda, outras formas a serem experimentadas. Trata-se de uma complexificação da noção de montagem na qual, ao invés de se apagar as diferenças, são as relações comunicantes estabelecidas entre essas diferenças que se mostram o motor que põem a montagem a funcionar, recuperando-se o potencial diagramático da máquina abstrata.

Portanto, através desse percurso, localizamos um reposicionamento das montações para além do paradigma representacional, passando a enfatizar as relações comunicantes operacionalizadas nas lógicas fabulatórias das montações transformistas. Assim, cria-se condições para o deslocamento da centralidade do sujeito individual que supostamente teria o controle absoluto na construção de uma personagem ou persona. Por fim, depreendemos que as relações comunicantes efetuadas na montagem

10. Ao longo do processo de pesquisa sobre as cenas drag e transformistas, iniciada em 2017, fomos impulsionadas a dar vazão às expressões transformistas que atravessaram nosso próprio corpo. É quando esses devires-transformistas se colocam através de um nome próprio que passam a se autonomizar e a se diferenciar do sujeito ortônimo. A primeira a surgir é Luná Maldita, como um desdobramento de um devir-mulher, essa montagem é nomeada na ocupação estudantil do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas em 2016. O próximo a ganhar consistência é Magrão, o qual efetua um devir-homossexual, este surge com tal nome em 2020, ainda que só se torne apreensível depois de uma aula sobre o conceito de melancolia de gênero em Judith Butler. Lalola é a manifestação de um devir-criança que também emerge em 2020, contudo, essa é uma posição instável e de difícil acesso, em 2021 aparece seu segundo nome, Nebulosa, fazendo jus a essa população de intensidades caóticas que arrastam as demais montações fazendo-as se transformar. O mapeamento desses devires permanece em acontecimento e é aos poucos que vamos encontrando novos traços e percebendo as transformações em ato.

através dos devires-outros arrastam tanto sujeito quanto persona num processo de mútua transformação, podendo decorrer disso transformações subjetivas via processos de singularização.

Referências bibliográficas

Araújo, A. C. da S. de. (2020). *Deleuze e o problema da comunicação* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/212468>.

Boreal, A. (2018, Março 28). Maquia e fala com Uýra Sodoma [Arquivo de vídeo] Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=RnxF5upil1Y&t=369s&ab_channel=AURORABOREAL

Castro, E. V. de. (2017). *Os involuntários da pátria*. São Paulo: n-1 edições.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2011a). *Mil Platôs Vol. I* (2nd ed.). São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2011b). *Mil Platôs Vol. II* (2nd ed.). São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2012). *Mil Platôs Vol. III* (2nd ed.). São Paulo: Editora 34.

Gil, J. (2020). *Fernando Pessoa, ou a metafísica das sensações*. São Paulo: n-1 edições.

Guattari, F. (2013). *Líneas de fuga: por otro mundo de posibles*. Buenos Aires: Cactus.

Guattari, F., & Rolnik, S. (2013). *Micropolítica: cartografias do desejo* (12th ed.). Petrópolis: Vozes.

Houaiss, A. (2009). Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. In *Instituto Antonio Houaiss*. Editora Objetiva.

Hur, D. U. (2022). *Esquizoanálise e esquizodrama: clínica e política*. Campinas: Editora Alínea.

Kastrup, V. (2015). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In E. Passos, V. Kastrup, & L. da Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 32–51). Porto Alegre: Sulina.

Koch, J. (2020). *A Porto Alegre dos transformistas profissionais*. Grafia Drag. Recuperado de <https://www.ufrgs.br/grafiadrag/a-porto-alegre-dos-transformistas-profissionais/>

Lapoujade, D. (2017). *Deleuze, os movimentos aberrantes* (2nd ed.). São Paulo: n-1 edições.

Pereira, D. R., & Silva, A. R. da. (2020). Crítica e contágio: comunicação assignificante em Lazzarato e Preciado. *Matrizes*, 14(2), 181–194. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i2p181-194>

Pessoa, F. (1980). Carta a Adolfo Casais Monteiro – 20 Jan. 1935. In *Textos de Crítica e de Intervenção*. Lisboa: Ática.

Pessoa, F. (1986). Carta a Adolfo Casais Monteiro – 13 Jan. 1935. In *Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas*. Lisboa: Publ. Europa-América.

Preciado, P.-B. (2008). *Testo Yonqui*. Madrid: Editorial Espasa Calpe.

Preciado, P. B. (2018). *Testo Junkie- sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições.

Preciado, P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala*. Rio de Janeiro: Zahar.

Rosa, P. H. C. (2018). *The realness: a feminilidade na construção mitológica da corporalidade drag queen como representação social* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR. Recuperado de: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEL_2d9eae2ad484df6a80a-720df793cc147

Silva, A. R. da, Alberto, M., Arruda, P. De, Menegat, F., & Colling, G. (2022). Micropolíticas: devir, cooperação dissonante e experiência pura. *Intexto*, 54, 1–20.

Vencato, A. P. (2005). Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. *Cadernos Pagu*, 24, 227–247. <http://www2.uol.com.br:800/mixbrasil/id/glossar.htm>

Zenith, R. (2021). *Pessoa: a biography*. New York: Liveright Publishing Corporation.